Conto 7- Um barco e um sonho- 1º Lugar

A ilha do Pico, nos Açores, é conhecida pela tradicional pesca à baleia e muitas foram as famílias que viveram daquele ofício para obter o seu sustento. Era uma vida arriscada, mas a paixão por este tipo de pesca passava de geração em geração.

Ayla, uma jovem adolescente, vinha de uma família de tradições baleeiras e como tal já lhe estava no sangue. Ayla pedia todos os dias à mãe para ir para a pesca com os pais, os avós e os irmãos, mas como era menina nunca a deixavam. Viviam-se outros tempos. Era uma vida arriscada e muito difícil. Quando tocava o búzio, Ayla ia para perto dos botes baleeiros observar todos os preparativos antes de começarem os trabalhos.

Num dia triste, Ayla teve uma brilhante ideia. Como já se tinha apercebido que era desvalorizada e deixada de parte por ser menina, foi a uma loja de roupa de segunda mão e procurou por roupa usada de homem. Quando encontrou, pagou a mesma e correu para casa. Já pronta, correu para o cais, para perto dos botes baleeiros e engrossando a voz perguntou aos baleeiros que por ali se encontravam se necessitavam de mais um homem experiente para o mar. Como nem todos tinham a coragem para aquele ofício necessitavam sempre de homens. Ayla ficou responsável por preparar um bote para a saída para o mar.

Enquanto navegava, pensava o quanto estava feliz por estar finalmente no mar. Sentia-se livre e satisfeita por estar a concretizar um sonho de infância. Naquele primeiro dia, navegou por toda a costa, mas o seu desejo de aventura era muito maior e a cada dia que saía para o mar afastava-se cada vez mais da ilha. Passados alguns meses, Ayla sentia-se completamente à vontade no mar e já liderava sozinha uma embarcação.

Numa manhã de inverno, um grupo de baleias foi avistado ao norte da ilha do Pico e Ayla não pensou duas vezes e decidiu meter-se num bote, sozinha, para tentar alcançá-la. Quem estava em terra decidiu não dar o alerta, uma vez que se anunciava uma tempestade sobre as ilhas.

Mas já era tarde, Ayla já se encontrava a milhas da costa e naquela época não havia meios de contacto.

Percorreu o mar do canal algumas horas, mas não avistava as baleias. Decidiu afastar-se mais um pouco e rumar para norte do arquipélago. Já era noite e Ayla ainda não havia regressado a casa. A tempestade assolava as ilhas do triângulo, com ventos fortes e ondulação de mais de 8 metros.

Ayla lutava com todas as suas forças para poder manter-se em cima do mar revolto e tempestuoso, estava gelada e completamente encharcada. A noite estava tenebrosa e só se iluminava com a luz dos relâmpagos. Começou a temer pela sua vida e chorava desesperadamente, pois já começava a perder as esperanças de voltar a terra. O sol começou a nascer no horizonte e Ayla percebeu que estava perdida no alto mar e com o bote baleeiro muito danificado, as esperanças foram-se desvanecendo.

Ayla deitada no bote, olhou para o céu e começou a ver nas nuvens baleias, uma família, as grandes seguiam na frente e a pequenina atrás. A baleeira sorria feliz, pois amava aqueles seres. Fechou os olhos e adormeceu exausta. Sentiu água a cair-lhe na cara. Abriu os olhos, sentou-se no bote e viu uma pequena baleia ao seu lado que com o seu “repuxo” de água lhe salpicava a cara. A mãe seguia ao seu lado e brincavam à volta do bote. Ayla nem queria acreditar em tamanha beleza. Este animal é dos maiores da terra, mas também dos mais dóceis quando não se sentem ameaçados. Ficou, ali, a admirar.

O bote, subitamente, começou a deslizar na água, Ayla voltou-se e viu que estava a ser empurrada. Passadas umas horas já avistava a costa da ilha de São Jorge e do Pico. Nem queria acreditar, aquela família de baleias trouxera-a de volta a casa. Ayla despediu-se, fazendo-lhes festas na barbatana-dorsal.

Já em terra a jovem baleeira foi recebida com surpresa e espanto, pois não sabiam que era uma rapariga e mais corajosa que muitos homens do mar.

A partir deste dia Ayla liderou uma campanha para que a pesca da baleia terminasse nos Açores e assim aconteceu. Todos sabiam da história de Ayla e ajudaram-na nesta missão.

Todos os anos na época das migrações, esta família de baleias visita os Açores e banha-se, demoradamente, nas águas do canal a “acenar” aos seus habitantes.